

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	22 JAN 1980
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	
DIA		CAPITAL	
DIÁRIO		TARDE	
A TRIBUNA			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			

**NOTA**

A decisão soviética de reduzir a metade dos seus fornecimentos de petróleo aconteceu no exacto momento em que, por cá, se jurava a pés juntos que o novo executivo tinha condições de governação de que nenhum outro gozara antes.

O preço médio das ramas compradas para este ano andou pelos 31 dólares o barril, enquanto no mercado livre, o último e o pior dos recursos, vai aos 50. O corte daquelas 450 mil toneladas ( $\times 7,23 = 3.253.500$  barris) passa assim a representar um encargo adicional de mais de 65 milhões de dólares para a balança comercial.

O Governo está empenhado em tapar este buraco com ramas de outras origens a preços comportáveis, reduzindo substancialmente as repercussões daquela rasteira nas contas externas, no bolso do «zê-que-paga» e no seu próprio perfil que tem todo o interesse — e o direito — de preservar. A intervenção de Madrid nesta emergência é susceptível de oferecer alternativas razoáveis.

Entretanto, toda esta incerteza revela duas coisas bem claras: que o Governo Pintasilgo deixou ao de Sá Carneiro uma «pesada herança» e que o novo executivo não alinha à partida com vantagens que lhe facilitem a tarefa. Pelo contrário como se vê da análise da situação da indústria portuguesa, que também *Fundação Cuidar o Futuro* desmentiu exclusões de Vítor Coutinho no debate do programa governamental.

Aos olhos, que somos, do homem da rua, não escapa o duplo sistema de pesos e medidas das forças vencidas em 2 de Dezembro; para Pintasilgo, que nem dez nem zero por cento do eleitorado mandou, o cheque em branco de um eufemístico benefício; para o VI Governo, nascido da impaciência comum de reconstruir Portugal, o lápis da dialética miudinha, à cata de conclusões que a aritmética constitucional não consagra e, à cautela, o pelourinho de vantagens inconsistentes. A uns, o benefício da dúvida, para outros, o saque à vista.

Obviamente, este jogo medíocre não serve e o Governo, não vendendo ouro da reserva do Tesouro, demonstra não estar disposto a usar vantagens que não resolvem os problemas de fundo.

Outros o fariam, de entre os muitos que enchem a boca com a afirmação ligeira de serem bastantes as reservas de ouro para liquidar a dívida externa — descontando, já mais essa «vantagem» ao desempenho do executivo.

Mas esta conclusão está viciada e é grosseiramente superficial.

Na verdade, os saldos das contas externas só podem ser positivos ou negativos, como até Mr. de La Palisse diria. O saldo acumulado da dívida externa resultou necessariamente de sucessivos saldos negativos. Se os futuros saldos continuassem a ser negativos, poderíamos teoricamente solver agora a dívida externa, mas continuando a endividar-nos infinitamente, o País deixaria de ter economia viável. E estaria sem ouro. E ainda que os saldos se mantivessem ou tornassem positivos, nunca mais iríamos a tempo de refazer as reservas, já que o preço do ouro, ainda que moderadamente em remota data, subirá sempre, sendo de prever, para já, que os coeficientes da subida se vão manter num perfil pelo menos igual ao do ano findo. Ora, é impensável que os coeficientes de aumento de eventuais saldos positivos sejam iguais ou aproximados ao sda subida do ouro. Pelo contrário foi a súbita e espectacular valorização das reservas que as colocou em nível igual ao da dívida externa acumulada.

De tudo isto, resulta que a solvência da dívida externa ou é possível com sucessivos saldos externos positivos ou a sua solvência com reservas de ouro, aliás sempre possível hoje, amanhã ou depois, não resolve nada. As reservas desempenham um papel muito diverso. São factor de credibilidade externa, tanto maior quanto mais elevado for o preço do ouro.

No fundo, tudo se passa como se alguém endividado, tivesse de vender os trastes, sabendo antecipadamente que os rendimentos disponíveis nunca serão bastante para, cada vez mais caros, os readquirir. É assim que se vão os anéis e os dedos.

G. V. M.

